

ANDREW SOLOMON

# Longe da árvore

*Pais, filhos e a busca da identidade*

*Tradução*

Donaldson M. Garschagen

Luiz A. de Araújo

Pedro Maia Soares



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Andrew Solomon  
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Far from the Tree: Parents, Children, and the Search for Identity

*Capa*

Elisa v. Randow

*Preparação*

Cacilda Guerra

*Índice remissivo*

Probo Poletti

*Revisão*

Jane Pessoa

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Solomon, Andrew

Longe da árvore : pais, filhos e a busca da identidade / Andrew Solomon ; tradução Donaldson M. Garschagen, Luiz A. de Araújo, Pedro Maia Soares. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Título original: Far from the Tree : Parents, Children, and the Search for Identity.

ISBN 978-85-359-2320-9

1. Crianças com deficiência – Estados Unidos – Psicologia 2. Crianças excepcionais – Estados Unidos – Psicologia 3. Identidade (Psicologia) – Estados Unidos 4. Pais de crianças deficientes – Estados Unidos 5. Pais de crianças excepcionais – Estados Unidos 6. Pais e filhos – Estados Unidos – Aspectos psicológicos 1. Título.

---

13-08093

CDD-362.40830973

Índice para catálogo sistemático:

1. Crianças com deficiência : Aspectos psicológicos : Bem-estar social 362.40830973

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

1. Filho.....	11
2. Surdos.....	65
3. Anões.....	142
4. Síndrome de Down.....	204
5. Autismo.....	264
6. Esquizofrenia.....	348
7. Deficiência.....	416
8. Prodígios.....	473
9. Estupro.....	554
10. Crime.....	623
11. Transgêneros.....	694
12. Pai.....	784
<i>Agradecimentos</i> .....	815
<i>Notas</i> .....	821
<i>Bibliografia</i> .....	925
<i>Índice remissivo</i> .....	1003

# I. Filho

Não existe isso que chamam de reprodução. Quando duas pessoas decidem ter um bebê, elas se envolvem em um ato de “produção”, e o uso generalizado da palavra “reprodução” para essa atividade, com a implicação de que duas pessoas estão quase se trançando juntas, é na melhor das hipóteses um eufemismo para confortar os futuros pais antes que se metam em algo que não podem controlar. Nas fantasias subconscientes que fazem a concepção parecer tão sedutora, muitas vezes é nós mesmos a que gostaríamos de ver viver para sempre, e não alguém com uma personalidade própria. Tendo previsto a marcha para a frente de nossos genes egoístas, muitos de nós não estamos preparados para filhos que apresentam necessidades desconhecidas. A paternidade nos joga abruptamente em uma relação permanente com um estranho, e quanto mais alheio o estranho, mais forte a sensação de negatividade. Contamos com a garantia de ver no rosto de nossos filhos que não vamos morrer. Filhos cuja característica definidora aniquila a fantasia da imortalidade são um insulto em particular: devemos amá-los por si mesmos, e não pelo melhor de nós mesmos neles, e isso é muito mais difícil de fazer. Amar nossos próprios filhos é um exercício para a imaginação.

Mas o sangue, tanto na sociedade moderna como nas antigas, fala mais alto. Pouca coisa é mais gratificante do que filhos bem-sucedidos e dedicados, e poucas

situações são piores do que o fracasso ou a rejeição filial. Nossos filhos não são nós: eles carregam genes atávicos e traços recessivos, e estão sujeitos desde o início a estímulos ambientais que estão fora de nosso controle. E, contudo, somos nossos filhos; a realidade de ser pai ou mãe nunca abandona aqueles que enfrentaram a metamorfose. O psicanalista D. W. Winnicott disse certa vez: “Não existe bebê — no sentido de que quem se propõe a descrever um bebê vai descobrir que está descrevendo *um bebê e alguém mais*. Um bebê não pode existir sozinho, mas é essencialmente parte de uma relação”.<sup>1</sup> Na medida em que nossos filhos se parecem conosco, eles são nossos admiradores mais preciosos, e, na medida em que são diferentes, podem ser os nossos detratores mais veementes. Desde o início, nós os instigamos a nos imitar e ansiamos pelo que talvez seja o elogio mais profundo da vida: o fato de eles escolherem viver de acordo com nosso sistema de valores. Embora muitos de nós sintam orgulho por ser diferentes dos pais, ficamos infinitamente tristes ao ver como nossos filhos são diferentes de nós.

Devido à transmissão de identidade de uma geração para a seguinte, a maioria dos filhos compartilha ao menos algumas características com os pais. São o que chamamos de identidades *verticais*. Atributos e valores são transmitidos de pai para filho através das gerações, não somente através de cadeias de DNA, mas também de normas culturais compartilhadas. A etnia, por exemplo, é uma identidade vertical. Crianças de cor têm, em geral, pais de cor; o fato genético da pigmentação da pele é transmitido através das gerações, junto com uma autoimagem de pessoa de cor, embora a autoimagem possa estar sujeita ao fluxo geracional. A linguagem é geralmente vertical, uma vez que a maioria das pessoas que fala grego educa os filhos para falar grego também, ainda que o entoe de forma diferente ou fale outra língua a maior parte do tempo. A religião é moderadamente vertical: pais católicos tendem a criar filhos católicos, embora as crianças possam se transformar em irreligiosas ou se converter a outra fé. A nacionalidade é vertical, exceto para os imigrantes. Cabelos loiros e miopia são muitas vezes transmitidos de pais para filhos, mas na maioria dos casos não constituem uma base importante para a identidade — o loiro porque é bastante insignificante, e a miopia porque é facilmente corrigida.

Muitas vezes, porém, alguém tem uma característica inata ou adquirida que é estranha a seus pais e, portanto, deve adquirir identidade de um grupo de iguais. É o que chamamos de identidade *horizontal*. As identidades horizontais podem refletir genes recessivos, mutações aleatórias, influências pré-natais, ou valores e

preferências que uma criança não compartilha com seus progenitores. Ser gay é uma identidade horizontal; a maioria das crianças gays tem pais heterossexuais e, embora sua sexualidade não seja determinada por seus iguais, elas aprendem a identidade gay observando e participando de uma subcultura fora da família. A deficiência física tende a ser horizontal, bem como a genialidade. A psicopatia é também muitas vezes horizontal; a maioria dos criminosos não é criada por mafiosos e deve inventar sua própria insídia. O mesmo acontece com problemas como o autismo e a deficiência intelectual. Uma criança concebida por estupro nasce com desafios emocionais que a própria mãe desconhece, ainda que advenham de seu trauma.

Em 1993, fui designado pelo *New York Times* para investigar a cultura surda.<sup>2</sup> Minha suposição sobre a surdez era que se tratava de um déficit e nada mais. Ao longo dos meses que se seguiram, me vi arrastado para o mundo dos surdos. A maioria das crianças surdas nasce de pais que ouvem, e esses pais priorizam com frequência o funcionamento no mundo da audição, gastando uma enorme energia na fala oral e na leitura labial. Ao fazerem isso, podem negligenciar outras áreas da educação de seus filhos. Enquanto algumas pessoas surdas são boas em leitura labial e produzem um discurso compreensível, muitas não têm essa habilidade, e passam anos em consultas sem fim com audiologistas e fonoaudiólogos, em vez de aprenderem história, matemática e filosofia. Muitos topam com a identidade surda na adolescência, e isso significa uma grande libertação. Eles entram em um mundo que valida os sinais como linguagem e se descobrem. Alguns pais não surdos aceitam esse novo e poderoso desenvolvimento, outros lutam contra ele.

A situação toda me parecia impressionantemente familiar porque sou gay. Gays em geral crescem sob a tutela de pais heterossexuais que acham que os filhos estariam melhor se fossem como eles e, às vezes, os atormentam, pressionando-os a se adequar. Com frequência, essas pessoas homossexuais descobrem a identidade gay na adolescência ou mais tarde, encontrando grande alívio nisso. Quando comecei a escrever sobre os surdos, o implante coclear, que pode proporcionar uma espécie de fac-símile da audição, era uma inovação recente. Ele foi saudado pelos progenitores como uma cura milagrosa para um defeito terrível e foi lamentado pela comunidade surda como se fosse um ataque genocida a uma comuni-

dade vibrante.<sup>3</sup> Desde então, ambos os lados moderaram a retórica, mas a questão é complicada pelo fato de que os implantes cocleares se mostram mais eficazes quando são feitos precocemente — em bebês, de preferência — e, assim, a decisão é muitas vezes tomada pelos pais antes que a criança possa ter ou expressar uma opinião informada.<sup>4</sup> Ao observar o debate, eu sabia que meus próprios pais corajosamente dariam consentimento para um procedimento precoce paralelo, se ele existisse, que garantisse que eu me tornaria heterossexual. Não tenho dúvidas de que o advento de uma coisa desse tipo, mesmo hoje, poderia acabar com a maior parte da cultura gay. Fico triste com a ideia dessa ameaça, mas, à medida que minha compreensão da cultura surda se aprofundava, eu percebia que as atitudes que eu achava ignorantes em meus pais se assemelhavam à minha própria reação provável à produção de uma criança surda. Meu primeiro impulso seria fazer tudo o que pudesse para corrigir a anomalia.

Depois, uma amiga minha teve uma filha anã. Ela se perguntava se deveria educar a filha para se considerar como todo mundo, apenas menor; se deveria providenciar para que a filha tivesse modelos de comportamento de anão; ou se deveria investigar sobre alongamento cirúrgico dos membros. Enquanto ela falava de sua perplexidade, identifiquei um padrão. Eu ficara perplexo ao notar minha afinidade com os surdos, e agora me identificava com uma anã; perguntei-me quem mais estaria lá fora esperando para se juntar à nossa alegre turma. Pensei que, se a identidade gay poderia advir do homossexualismo, uma doença, e a identidade de surdo poderia advir da surdez, uma doença, e se o nanismo como identidade poderia emergir de uma óbvia deficiência, então deveria haver muitas outras categorias nesse território intersticial complicado. Foi uma descoberta radicalizadora. Tendo sempre me imaginado em uma minoria razoavelmente pequena, vi de repente que tinha vasta companhia. A diferença nos une. Embora cada uma dessas experiências possa isolar aqueles que são afetados, juntos eles compõem um agregado de milhões cujas lutas os conectam de maneira profunda. O excepcional é ubíquo; ser inteiramente típico é o estado raro e solitário.

Assim como meus pais entenderam mal quem eu era, outros pais devem estar constantemente entendendo mal seus filhos. Muitos pais sentem a identidade horizontal de seu filho como uma afronta. A diferença marcante de uma criança em relação ao resto da família exige conhecimento, competência e ações que uma mãe ou um pai típicos estão desqualificados para oferecer, ao menos de início. A criança também é diferente da maioria de seus colegas e, portanto, me-

nos compreendida ou aceita por um amplo círculo. Pais violentos agridem menos os filhos que se assemelham a eles; se seu pai é um espancador, reze para que você tenha os traços físicos dele.<sup>5</sup> As famílias tendem a reforçar as identidades verticais desde a primeira infância, mas muitas se opõem às horizontais. As identidades verticais em geral são respeitadas como identidade; as horizontais são muitas vezes tratadas como defeitos.

Alguém poderia argumentar que os negros enfrentam muitas desvantagens nos Estados Unidos hoje, mas há poucas pesquisas sobre como a expressão gênica poderia ser alterada para fazer com que a próxima geração de crianças nascidas de pais negros saia com cabelos lisos loiros e tez cor de creme. Na América moderna, às vezes é difícil ser asiático, judeu ou mulher, mas ninguém sugere que asiáticos, judeus ou mulheres seriam tolos de não se transformarem em homens brancos cristãos se pudessem. Muitas identidades verticais trazem desconforto às pessoas e, contudo, não tentamos homogeneizá-las. Poder-se-ia dizer que as desvantagens de ser gay não são maiores do que as dessas identidades verticais, mas há muito tempo a maioria dos pais busca transformar seus filhos gays em heterossexuais. Corpos anômalos são geralmente mais assustadores para aqueles que os testemunham do que para as pessoas que os têm, mas os pais se apressam a normalizar a excepcionalidade física, muitas vezes com grande custo psíquico para si e seus filhos. Rotular a mente de uma criança de doente — seja ela autista, deficiente intelectual ou transgênero — talvez reflita mais o desconforto que essa mente causa aos pais do que qualquer desconforto que cause ao filho. Em muitos casos, aquilo que foi corrigido talvez devesse ter sido deixado como estava.

Há tempos que *defeituoso* é um adjetivo considerado muito carregado pelo discurso liberal, mas os termos médicos que o substituíram — “doença”, “síndrome”, “condição” — podem ser quase tão pejorativos à sua maneira discreta. Muitas vezes usamos o termo “doença” para depreciar um modo de ser, e “identidade” para validar essa mesma maneira de ser. Trata-se de uma falsa dicotomia. Em física, a interpretação de Copenhague define energia/ matéria como se comportando às vezes como onda e às vezes como partícula, o que sugere que é ambas, e postula que é a limitação humana que nos torna incapazes de ver as duas ao mesmo tempo. Paul Dirac, vencedor do prêmio Nobel de física, identificou como a luz parece ser uma partícula se fizermos uma pergunta do tipo partícula, e uma onda se fizermos uma pergunta do tipo onda.<sup>6</sup> Uma dualidade semelhante atua nessa questão do eu. Muitas condições são tanto doença como identidade, mas

só podemos ver uma se obscurecermos a outra. A política da identidade refuta a ideia de doença, enquanto a medicina ludibria a identidade. Ambas saem diminuídas com essa estreiteza.

Os físicos obtêm certos insights da compreensão da energia como onda, e outros insights por entendê-la como partícula, e utilizam a mecânica quântica para conciliar a informação que coletaram. Da mesma forma, temos de examinar *doença e identidade*, compreender que a observação acontece geralmente em um domínio ou no outro e chegar a uma mecânica sincrética. Precisamos de um vocabulário em que os dois conceitos não sejam opostos, mas aspectos compatíveis de uma condição. Temos de mudar o modo como avaliamos o valor dos indivíduos e das vidas, para alcançar uma visão mais ecumênica sobre a *saúde*. Ludwig Wittgenstein disse: “Tudo o que sei é o que tenho palavras para descrever”.<sup>7</sup> A ausência de palavras é a ausência de intimidade; essas experiências estão sedentas de linguagem.

As crianças que descrevo aqui têm condições horizontais que são estranhas a seus pais. Elas são surdas ou anãs; têm síndrome de Down, autismo, esquizofrenia, ou múltiplas deficiências graves; são prodígios; são pessoas concebidas por estupro ou que cometem crimes; são transexuais. O desgastado ditado diz que a maçã não cai longe da árvore, o que significa que uma criança se assemelha a seus progenitores;<sup>8</sup> essas crianças são maçãs que caíram em outro lugar — algumas, um par de pomares de distância, outras, do outro lado do mundo. No entanto, miríades de famílias aprendem a tolerar, aceitar e, por fim, celebrar crianças que não são o que elas originalmente tinham em mente. Esse processo de transformação é com frequência facilitado e, às vezes, confundido por políticas de identidade e progressos médicos que se infiltraram nas famílias em um grau que seria inconcebível há vinte anos.

Todos os filhos são surpreendentes para seus pais; essas situações mais dramáticas são apenas variações sobre um tema comum. Assim como verificamos as propriedades de um medicamento estudando seu efeito em doses extremamente elevadas, ou examinamos a viabilidade de um material de construção expondo-o a temperaturas altíssimas, do mesmo modo podemos compreender o fenômeno universal da diferença dentro das famílias olhando para esses casos extremos. O fato de ter filhos excepcionais exagera as tendências dos pais: aqueles que seriam maus pais se tornam pais péssimos, mas aqueles que seriam bons pais muitas vezes se tornam extraordinários. Assumo uma posição antitolstoiana e digo

que as famílias infelizes que rejeitam seus filhos diferentes têm muito em comum, ao passo que as felizes que se esforçam para aceitá-los são felizes de uma infinidade de maneiras.<sup>9</sup>

Uma vez que os futuros pais têm cada vez mais opções de escolher não ter filhos com desafios horizontais, as experiências de quem tem esses filhos são fundamentais para nossa maior compreensão da diferença. As primeiras reações e interações dos pais com uma criança determinam como ela verá a si mesma. Esses pais também sofrem mudanças profundas causadas por suas experiências. Se você tem um filho com deficiência, será para sempre o pai de um filho com deficiência; é um dos fatos básicos a seu respeito, fundamental para a maneira como as outras pessoas o percebem e decifram. Esses pais tendem a ver a aberração como doença até que o hábito e o amor lhes permitam lidar com sua nova realidade estranha — muitas vezes introduzindo a linguagem da identidade. A intimidade com a diferença promove a reconciliação.

Divulgar a felicidade aprendida por esses pais é vital para sustentar identidades que hoje estão vulneráveis à erradicação. Suas histórias apontam para todos nós um caminho para expandir nossas definições de família humana. É importante saber como pessoas autistas se sentem em relação ao autismo, ou anãs em relação ao nanismo. A aceitação de si mesmo faz parte do ideal, mas sem aceitação familiar e social ela não pode amenizar as injustiças implacáveis a que muitos grupos de identidade horizontal estão sujeitos, e não provocará uma reforma adequada. Vivemos em tempos de xenofobia, quando a legislação, com apoio da maioria, abole os direitos das mulheres, de pessoas LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), de imigrantes ilegais e de pobres. Apesar dessa crise de empatia, a compaixão prospera em casa, e o amor da maioria dos pais dos quais fiz o perfil atravessa linhas divisórias. Entender como eles chegaram a pensar bem de seus próprios filhos pode dar a nós motivo e discernimento para fazer o mesmo. Olhar no fundo dos olhos de seu filho e ver nele ao mesmo tempo você mesmo e algo totalmente estranho, e então desenvolver uma ligação fervorosa com cada aspecto dele, é alcançar a desenvoltura da paternidade egocêntrica, mas altruísta. É incrível a frequência com que essa reciprocidade é alcançada — com que frequência pais que supunham que não poderiam cuidar de uma criança excepcional descubrem que podem. A predisposição para o amor dos pais prevalece na mais penosa das circunstâncias. Há mais imaginação no mundo do que se poderia pensar.

Eu tinha dislexia quando criança; na verdade, ainda tenho. Não consigo escrever à mão sem me concentrar em cada letra enquanto a escrevo, e mesmo quando faço isso algumas letras ficam fora de ordem ou são omitidas. Minha mãe, que identificou a dislexia cedo, começou a trabalhar a leitura comigo quando eu tinha dois anos. Passei longas tardes em seu colo, aprendendo a emitir palavras, treinando como um atleta olímpico em fonética; praticamos letras como se nenhuma forma pudesse ser mais encantadora do que as delas. Para manter a minha atenção, ela me deu uma caderneta com capa de feltro amarelo em que o Ursinho Puff e o Tigrão estavam costurados; fazíamos cartões de memória e jogávamos com eles no carro. Eu adorava a atenção, e minha mãe ensinava com um senso de diversão, como se aquilo fosse o melhor quebra-cabeças do mundo, um jogo particular entre nós. Quando eu tinha seis anos, meus pais tentaram me matricular em onze escolas de Nova York, e todas me rejeitaram, alegando que eu nunca aprenderia a ler e escrever. Um ano depois, eu estava matriculado em uma escola onde o diretor permitiu a contragosto que minhas habilidades de leitura avançadas prevalecessem sobre os resultados dos testes que previam que eu jamais aprenderia a ler. Os padrões de triunfo perpétuo eram altos em nossa casa, e aquela vitória inicial sobre a dislexia foi formadora: com paciência, amor, inteligência e vontade, havíamos derrotado uma anormalidade neurológica. Infelizmente, ela preparou o palco para nossas lutas posteriores, tornando difícil acreditar que não poderíamos reverter a evidência arrepiante de outra anormalidade percebida — o fato de eu ser gay.

As pessoas perguntam quando eu soube que era gay, e eu me pergunto o que esse conhecimento implica. Levou algum tempo para eu me tornar consciente de meus desejos sexuais. A percepção de que o que eu queria era exótico e fora de sintonia com a maioria veio tão cedo que não me lembro de um tempo que a precedesse. Estudos recentes mostraram que com dois anos os meninos que virão a ser gays já são avessos a certos tipos de brincadeiras violentas; aos seis anos de idade, a maioria vai se comportar de uma maneira obviamente não conforme ao gênero.<sup>10</sup> Uma vez que pude perceber cedo que muitos dos meus impulsos não eram masculinos, passei a me inventar. No ensino fundamental, quando cada aluno foi convidado a indicar sua comida favorita e todo mundo disse sorvete, hambúrguer ou rabanada, eu orgulhosamente escolhi *ekmek kadayiff* com *kaymak*,

que eu costumava pedir num restaurante armênio da rua 27 Leste. Nunca troquei figurinhas de beisebol, mas contava enredos de óperas no ônibus escolar. Nada disso me tornou popular.

Eu era popular em casa, mas estava sujeito a correções. Quando eu tinha sete anos, minha mãe, meu irmão e eu estávamos na Indian Walk Shoes e, na saída, o vendedor perguntou de que cor queríamos os balões. Meu irmão quis um balão vermelho. Eu quis um cor-de-rosa. Minha mãe contrapôs que eu não queria um balão cor-de-rosa e me lembrou que minha cor favorita era azul.<sup>11</sup> Eu disse que realmente queria o rosa, mas diante de seu olhar peguei o azul. Que minha cor favorita ainda seja o azul mas mesmo assim que eu ainda seja gay são provas tanto da influência de minha mãe como de seus limites. Ela disse certa vez: “Quando você era pequeno, não gostava de fazer o que as outras crianças gostavam de fazer, e eu o encorajei a ser você mesmo”. E acrescentou, com certa ironia: “Às vezes acho que deixo as coisas irem longe demais”. Algumas vezes pensei que ela não as deixou ir longe o suficiente. Mas seu incentivo à minha individualidade, embora ambivalente, moldou minha vida.

Minha nova escola tinha ideias quase liberais e deveria ser inclusiva — o que significava que nossa turma tinha algumas crianças negras e latinas com bolsa de estudos, as quais, em sua maioria, preferiam a companhia umas das outras. Em meu primeiro ano lá, Debbie Camacho fez uma festa de aniversário no Harlem, e seus pais, não familiarizados com a lógica da educação particular em Nova York, marcaram-na para o mesmo fim de semana da tradicional festa de reencontro de ex-alunos. Minha mãe perguntou como eu me sentiria se ninguém comparecesse à minha festa de aniversário e insistiu que eu fosse. Duvido que muitas crianças da minha turma teriam ido à festa, mesmo que não houvesse uma desculpa conveniente como aquela, mas, na realidade, apareceram apenas duas crianças brancas de uma turma de quarenta. Eu me senti francamente aterrorizado de estar lá. As primas da aniversariante tentaram me tirar para dançar; todo mundo falava espanhol, havia frituras esquisitas, tive uma espécie de ataque de pânico e fui para casa aos prantos.

Não tracei paralelos entre a ausência de todos na festa de Debbie e minha própria impopularidade, mesmo quando, alguns meses depois, Bobby Finkel deu uma festa de aniversário e convidou toda a turma, menos eu. Minha mãe ligou para a mãe dele supondo que houvera um erro; a sra. Finkel disse que seu filho não gostava de mim e não me queria em sua festa. Minha mãe me pegou na es-

cola no dia da festa e me levou ao zoológico, depois fomos tomar um sundae de chocolate no Old-Fashioned Mr. Jennings. É somente numa visão retrospectiva que imagino como minha mãe ficou magoada por mim, mais magoada do que eu estava, ou do que eu deixava perceber que estava. Não adivinhei então que sua ternura era uma tentativa de compensar os insultos do mundo. Quando contemplo o desconforto dos meus pais com minha homossexualidade, posso ver como minhas vulnerabilidades deixavam minha mãe vulnerável, e como ela queria antecipar-se à minha tristeza garantindo que fôssemos a nossa própria diversão. A proibição do balão cor-de-rosa deve ser considerada, em parte, um gesto de proteção.

Felizmente minha mãe me fez ir à festa de aniversário de Debbie Camacho, porque acho que era a coisa certa a fazer e porque, embora eu não pudesse perceber na época, era o começo de uma atitude de tolerância que possibilitou que eu me aceitasse e encontrasse a felicidade na idade adulta. É tentador pintar a mim e minha família como faróis de excepcionalidade liberal, mas não éramos. Provoquei um aluno afro-americano na escola primária afirmando que ele lembrava a foto de uma criança tribal numa maloca africana que havia em nosso livro de estudos sociais. Eu não achava que isso fosse racista, achava que era engraçado e vagamente verdadeiro. Mais tarde, lembrei-me do meu comportamento com profundo pesar e, quando a pessoa em questão me encontrou no Facebook, pedi mil desculpas. Eu disse que minha única desculpa era que não era fácil ser gay na escola, e que eu tinha exteriorizado o preconceito que sofria na forma de preconceito com os outros. Ele aceitou meu pedido de desculpas e mencionou que também era gay; tornou-me humilde o fato de ele ter sobrevivido, numa situação em que ambos os tipos de preconceito estavam em jogo.

Eu lutava nas águas traiçoeiras do ensino fundamental, mas em casa, onde o preconceito nunca foi tingido com crueldade, meus déficits mais difíceis eram minimizados e meus caprichos eram, em sua maioria, vistos com bom humor. Quando estava com dez anos, fiquei fascinado pelo minúsculo principado de Liechtenstein. Um ano mais tarde, meu pai levou-nos numa viagem de negócios a Zurique, e certa manhã minha mãe anunciou que tinha arranjado para que todos fôssemos a Vaduz, capital do principado. Lembro-me da emoção ao ver que toda a família estava satisfazendo o que era claramente um desejo só meu. Vista agora, a preocupação com Liechtenstein parece estranha, mas a mesma mãe que proibiu o balão cor-de-rosa pensou e organizou aquele dia: o almoço em um café

charmoso, uma visita ao museu de arte, uma visita à gráfica onde eles fazem os inconfundíveis selos postais do país. Embora nem sempre me sentisse aprovado, sempre me senti reconhecido e me era dada a latitude da minha excentricidade. Mas havia limites, e os balões cor-de-rosa estavam do lado errado deles. A regra de nossa família era interessar-se pela alteridade dentro de um pacto de igualdade. Eu queria parar de apenas observar o vasto mundo e habitar em sua amplitude: queria mergulhar para apanhar pérolas, memorizar Shakespeare, romper a barreira do som, aprender a tricotar. De certo ponto de vista, o desejo de transformar-me pode ser visto como uma tentativa de me libertar de uma forma indesejável de ser. De outro, era um gesto em direção ao meu eu essencial, um giro crucial na direção de quem eu viria a ser.

Mesmo no jardim de infância, eu passava o recreio conversando com meus professores, porque as outras crianças não me entendiam; é provável que os professores também não entendessem, mas tinham idade suficiente para ser educados. Na sétima série, eu costumava almoçar no escritório da sra. Brier, secretária do diretor da escola. Formei-me no ensino médio sem visitar o refeitório, onde eu teria sentado com as meninas e sido objeto de chacota por fazê-lo, ou com os meninos e ser objeto de chacota por ser o tipo de garoto que deveria realmente sentar-se com as meninas. O impulso para a conformidade que com tanta frequência define a infância nunca existiu para mim, e, quando comecei a pensar sobre sexualidade, a não conformidade do desejo pelo mesmo sexo me entusiasmou — a percepção de que o que eu queria era ainda mais diferente e proibido do que todo o sexo é para os jovens. Eu sentia a homossexualidade como se fosse uma sobremesa armênia ou um dia em Liechtenstein. Não obstante, pensava que se alguém descobrisse que eu era gay, eu teria de morrer.

Minha mãe não queria que eu fosse gay porque achava que não seria o caminho mais feliz para mim, mas também porque não gostava da imagem de ser mãe de um filho gay. O problema não era que ela quisesse controlar a *minha* vida — embora ela acreditasse, como a maioria dos pais, que sua maneira de ser feliz era a melhor maneira de ser feliz. O problema era que ela queria controlar a vida *dela*, e era a vida como mãe de um homossexual que ela desejava alterar. Infelizmente, não havia maneira de ela resolver seu problema sem me envolver.

Aprendi a odiar profunda e precocemente esse aspecto da minha identidade porque aquele desconforto repetia uma reação da família a uma identidade vertical. Minha mãe achava que era indesejável ser judeu. Ela aprendera essa atitude

com meu avô, que mantinha sua religião em segredo para que pudesse ter um cargo de alto nível em uma empresa que não empregava judeus. Ele pertencia a um clube de subúrbio no qual os judeus não eram bem-vindos. Quando tinha seus vinte e poucos anos, minha mãe ficou noiva de um texano, mas o rapaz rompeu o noivado quando a família ameaçou deserdá-lo se ele se casasse com uma judia. Para ela, foi um trauma de reconhecimento de si mesma, pois até então não se pensava como judia; achava que poderia ser quem quer que parecesse ser. Cinco anos depois, ela decidiu se casar com meu pai, um judeu, e viver em um mundo em grande parte judaico, mas carregava o antissemitismo dentro dela. Ela via pessoas que se encaixavam em certos estereótipos e dizia: “Essas são as pessoas que nos dão um nome ruim”. Quando lhe perguntei o que achava da beldade muito cobiçada da minha turma da nona série, ela disse: “Ela parece muito judia”. Seu lastimável método de duvidar de si mesma foi organizado para mim em torno de ser gay: herdei seu dom para o desconforto.

Muito tempo depois da infância, agarrei-me a coisas infantis como uma barreira contra a sexualidade. Essa imaturidade intencional era revestida por um puritanismo vitoriano afetado que não visava mascarar o desejo, mas obliterá-lo. Eu tinha a ideia absurda de que seria Cristóvão para sempre no Bosque dos Cem Acres; com efeito, o último capítulo dos livros do Ursinho Puff era tão parecido com minha história que eu não suportava ouvi-lo, embora fizesse meu pai ler para mim centenas de vezes todos os outros capítulos. *A casa no cantinho do Puff* termina assim: “Onde quer que vão e o que quer que aconteça com eles no caminho, naquele lugar encantado no topo da Floresta, um menino e seu urso estarão sempre brincando”.<sup>12</sup> Decidi que seria aquele menino e aquele urso, que me congelaria na puerilidade, porque o que o crescimento pressagiava para mim era humilhante demais. Aos treze anos, comprei um exemplar da *Playboy* e passei horas estudando a revista, tentando resolver meu desconforto com a anatomia feminina; foi muito mais penoso do que minha lição de casa. Quando cheguei ao ensino médio, eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria de fazer sexo com mulheres; eu sentia que não seria capaz de fazê-lo, e muitas vezes pensei em morrer. A metade de mim que não planejava ser Cristóvão brincando para sempre em um lugar encantado planejava ser Anna Kariênina jogando-se na frente de um trem. Era uma dualidade ridícula.

Quando eu estava na oitava série da Horace Mann School, em Nova York, um garoto mais velho me apelidou de Percy [afeminado], numa referência ao meu

comportamento. Tomávamos o mesmo ônibus escolar e, todos os dias, quando eu subia, ele e seus comparsas gritavam “Percy! Percy! Percy!”. Às vezes eu sentava com um estudante sino-americano que era tímido demais para falar com os outros (e se revelou ser gay também), às vezes com uma menina quase cega, que também era objeto de considerável crueldade. Às vezes, todos os que estavam no ônibus gritavam a provocação durante toda a viagem. “Per-cy! Per-cy! Per-cy! Per-cy!” a plenos pulmões por 45 minutos: subindo a Terceira Avenida, pela FDR Drive, através da Willis Avenue Bridge, por toda a Major Deegan Expressway, e na rua 246, em Riverdale. A menina cega repetia que eu deveria “simplesmente ignorá-los”, e então eu ficava lá fingindo de forma não convincente que aquilo não estava acontecendo.

Quatro meses depois que isso começou, cheguei em casa um dia e minha mãe perguntou: “Tem alguma coisa acontecendo no ônibus escolar? Outros estudantes estão chamando você de Percy?”. Um colega contara para a mãe dele, que, por sua vez, telefonara para a minha. Quando admiti que era verdade, ela me abraçou por um longo tempo e depois perguntou por que eu não lhe havia contado. Isso nunca me ocorrera: em parte porque falar de algo tão degradante parecia apenas materializá-lo, em parte porque pensei que não havia nada a ser feito, e também porque achava que as características pelas quais eu estava sendo torturado seriam igualmente repugnantes para minha mãe, e eu queria protegê-la da decepção.

A partir de então, uma acompanhante passou a andar no ônibus escolar e o coro parou. Eu era apenas chamado de “bicha” no ônibus e na escola, muitas vezes a uma distância em que os professores podiam ouvir e não faziam objeções. Naquele mesmo ano, meu professor de ciências nos contou que os homossexuais desenvolviam incontinência fecal porque seus esfíncteres anais eram destruídos. A homofobia era onipresente na década de 1970, mas a cultura presunçosa da minha escola produzia uma versão pungentemente aprimorada dela.

Em junho de 2012, a *New York Times Magazine* publicou um artigo de um ex-aluno da Horace Mann, Amos Kamil, sobre o abuso predatório de meninos perpetrado por alguns membros masculinos do corpo docente da escola quando estudei lá.<sup>13</sup> O artigo citava estudantes que tiveram problemas de dependência de drogas e outros comportamentos autodestrutivos na esteira de tais episódios; um homem se suicidara na meia-idade, numa culminação do desespero que sua família rastreou até aquela exploração juvenil. O artigo deixou-me profundamente

triste — e confuso, porque alguns dos professores acusados de tais atos haviam sido mais amáveis comigo do que qualquer outra pessoa na minha escola durante um período sombrio. Meu adorado professor de história levava-me para jantar fora, deu-me um exemplar da Bíblia de Jerusalém e conversava comigo nos períodos livres, quando outros alunos não queriam nada comigo. O professor de música concedeu-me solos de concertos, deixava-me chamá-lo por seu prenome e ficar em sua sala, e comandava as viagens do coral que estavam entre as minhas mais felizes aventuras. Eles pareciam reconhecer quem eu era e pensavam bem de mim de qualquer maneira. O reconhecimento implícito da minha sexualidade por parte deles me ajudou a não me tornar dependente de drogas ou suicida.

Quando eu estava na nona série, o professor de artes da escola (que também era treinador de futebol) insistia em iniciar uma conversa comigo sobre masturbação. Eu ficava paralisado: achava que isso poderia ser uma forma de cilada e que, se respondesse, ele diria a todos que eu era gay, e eu seria objeto de ainda mais chacota. Nenhum outro professor deu em cima de mim, talvez porque eu fosse um garoto magrela, socialmente desajeitado, de óculos e suspensórios, ou porque meus pais tivessem uma reputação de vigilância protetora, ou ainda porque eu assumisse um isolamento arrogante que me tornava menos vulnerável do que outros.

O professor de artes foi demitido quando surgiram alegações contra ele logo depois de nossas conversas. O professor de história foi embora e se suicidou um ano depois. O de música, que era casado, sobreviveu ao “reinado do terror” que se seguiu, como um professor gay chamou mais tarde, quando muitos professores homossexuais foram demitidos. Kamil escreveu-me que as demissões de professores gays não predadores decorreram de “uma tentativa equivocada de erradicar a pedofilia através de uma falsa equiparação dela com a homossexualidade”. Os alunos diziam monstruosidades até para professores gays porque o preconceito deles era obviamente endossado pela comunidade escolar.

Anne MacKay, chefe do departamento de teatro, foi uma lésbica que sobreviveu com discrição às recriminações. Vinte anos depois de me formar, eu e ela começamos a nos corresponder por e-mail. Fui até a extremidade leste de Long Island para visitá-la uma década mais tarde, quando soube que ela estava morrendo. Havíamos ambos sido contatados por Amos Kamil, que na época fazia pesquisas para seu artigo, e estávamos ambos abalados pelas acusações que ele compartilhara conosco. A srta. MacKay havia sido a sábia mestra que uma vez explicou

delicadamente que eu era provocado por causa da maneira como andava, e tentou mostrar-me uma passada mais confiante. Ela encenou *A importância de ser prudente* em meu último ano para que eu pudesse ter uma chance de estrelato no papel de Algernon. Eu fora até lá para lhe agradecer. Mas ela me convidara para se desculpar.

Em um emprego anterior, explicou, correria o rumor de que ela vivia com outra mulher, os pais reclamaram, e ela entrara numa espécie de esconderijo pelo resto de sua carreira. Agora, lamentava a distância formal que mantivera e achava que falhara com os estudantes gays, para quem poderia ter sido um farol — embora eu soubesse, e ela também, que se tivesse sido mais aberta teria perdido o emprego. Quando fui seu aluno, nunca pensei em perguntar sobre uma intimidade maior do que a que tínhamos, mas, conversando décadas depois, percebi o quão desamparados ambos havíamos ficado. Eu gostaria que pudéssemos ter tido a mesma idade por um tempo, porque a pessoa que sou aos 48 anos seria um bom amigo de quem ela era quando me dava aulas na juventude. Fora da escola, MacKay era militante gay; agora, eu também sou. Quando eu estava na escola, sabia que ela era gay e ela sabia que eu era gay; no entanto, cada um de nós estava aprisionado por sua homossexualidade de uma maneira que tornava a conversa direta impossível, deixando-nos apenas a bondade para dar um ao outro, em vez da verdade. Vê-la depois de tantos anos despertou minha antiga solidão e me lembrei de como uma identidade excepcional pode causar isolamento, a não ser que a transformemos numa solidariedade horizontal.

Na inquietante reunião on-line de ex-alunos da Horace Mann que aconteceu depois da publicação da matéria de Amos Kamil, um homem descreveu sua tristeza tanto pelas vítimas de abusos como pelos agressores, dizendo destes últimos: “Eles eram pessoas feridas, confusas, tentando descobrir como funcionar em um mundo que lhes ensinou que seu desejo homossexual era doentio. As escolas espelham o mundo em que vivemos. Elas não podem ser lugares perfeitos. Nem todo professor será uma pessoa emocionalmente equilibrada. Podemos condenar esses professores. Mas isso trata apenas de um sintoma, não do problema original, que é que uma sociedade intolerante cria pessoas que se odeiam e que se comportam de forma inadequada”.<sup>14</sup> O contato sexual entre professores e alunos é inaceitável porque explora um diferencial de poder que obscurece a demarcação entre coerção e consentimento. Com frequência, isso causa traumas irrecuperáveis. Foi o que claramente aconteceu com os alunos

entrevistados e descritos por Kamil. Ao perguntar-me como meus professores puderam fazer aquilo, pensei que alguém cujo ser íntimo é considerado uma doença e uma ilegalidade pode lutar para analisar a distinção entre isso e um crime muito maior. Tratar uma identidade como doença convida a verdadeira doença a assumir uma postura mais corajosa.

Os jovens têm oportunidades sexuais com frequência, especialmente em Nova York. Uma de minhas tarefas era passear nossa cadela antes de dormir, e quando eu tinha catorze anos descobri dois bares gays perto de nosso apartamento: Uncle Charlie's Uptown e Camp David. Eu passeava com Martha, nossa kerry blue terrier, num circuito que incluía esses dois empórios de carne com jeans, vendo os sujeitos se espalharem pela avenida Lexington, enquanto Martha puxava suavemente pela coleira. Um homem que disse se chamar Dwight me seguiu e me puxou para uma entrada de casa. Eu não poderia ir com Dwight ou os outros, porque se o fizesse estaria me transformando em outra pessoa. Não me lembro da aparência de Dwight, mas seu nome me deixa melancólico. Quando por fim mantive relações sexuais com um homem, aos dezessete anos, achei que estava me separando para sempre do mundo normal. Fui para casa e fervei minhas roupas, tomei um longo banho escaldante de uma hora, tempo longo, como se minha transgressão pudesse ser esterilizada.

Aos dezenove anos, li um anúncio na parte final da revista *New York* que oferecia terapia sexual para pessoas que tivessem problemas com o sexo.<sup>15</sup> Eu ainda acreditava que o problema de quem eu queria era subsidiário ao problema de quem eu não queria. Eu sabia que aquela parte de uma revista não era um bom lugar para achar tratamento, mas minha situação era embaraçosa demais para ser revelada a alguém que me conhecesse. Peguei minhas economias e fui a um escritório num prédio sem elevador do bairro de Hell's Kitchen, onde me submeti a longas conversas sobre minhas ansiedades sexuais, incapaz de admitir para mim mesmo ou para o assim chamado terapeuta que, na verdade, eu simplesmente não me interessava por mulheres. Não mencionei a movimentada vida sexual que eu levava então com homens. Comecei o “aconselhamento” com pessoas que devia chamar de “doutor”, que prescreveram “exercícios” com minhas “parceiras substitutas” — mulheres que não eram exatamente prostitutas, mas que também não eram exatamente outra coisa. Em um protocolo, eu tinha de ficar nu e andar

de quatro, fingindo ser um cão, enquanto a substituta fingia ser uma gata; a metáfora de representar intimidade entre espécies avessas é mais significativa do que me dei conta na época. Afeiçoei-me curiosamente a essas mulheres, uma das quais, uma loira atraente do Sul, acabou por me contar que era necrófila e pegara aquele emprego depois que começou a ter problemas no necrotério. Era preciso trocar constantemente de garota para que seu desembaraço não se limitasse a uma única parceira sexual. Lembro-me da primeira vez que uma porto-riquenha subiu em cima de mim e começou a se sacudir para cima e para baixo, gritando em êxtase: “Você está dentro de mim! Você está dentro de mim!”. Enquanto isso, eu me perguntava com tédio ansioso se havia enfim conseguido o prêmio e me tornado um heterossexual qualificado.

As curas raramente funcionam com rapidez e eficácia completa para alguma coisa que não seja infecção bacteriana, mas isso pode ser difícil de notar quando as realidades sociais e medicinais estão em fluxo rápido. Minha recuperação foi a percepção da doença. Aquele consultório da rua 45 aparece em meus sonhos: a necrófila que achou minha forma pálida e suada suficientemente parecida a um cadáver para satisfazer sua fantasia; a mulher latina motivada pela missão que me introduziu no seu corpo com tanto júbilo. Meu tratamento durou apenas duas horas por semana durante cerca de seis meses e me deu um desembaraço com o corpo das mulheres que foi vital para posteriores experiências heterossexuais que fico contente por ter tido. Amei de verdade algumas das mulheres com quem mais tarde tive relacionamentos, mas quando estava com elas, jamais conseguia esquecer que minha “cura” era uma manifestação destilada da aversão por mim mesmo, e jamais perdoei totalmente as circunstâncias que me dispuseram a fazer aquele esforço obscuro. A tensão de minha psique entre Dwight e aquelas mulheres-gato tornou o amor romântico quase impossível para mim no início da minha vida adulta.

Meu interesse pelas diferenças profundas entre pais e filhos surgiu de uma necessidade de investigar o lócus do meu pesar. Embora gostasse de culpar meus pais, passei a acreditar que grande parte de minha dor vinha do mundo mais amplo ao meu redor, e uma parte dela vinha de mim. No calor de uma discussão, minha mãe me disse certa vez: “Um dia você pode ir a um terapeuta e contar-lhe como sua mãe terrível arruinou sua vida. Mas vai ser da *sua* vida arruinada que você estará falando. Então, faça uma vida para si mesmo em que possa se sentir feliz, e na qual você possa amar e ser amado, porque é isso que de fato importa”.